

Apresentação

O presente número da revista ORGANON tem como núcleo temático Os Estudos Históricos e Comparativistas na Atualidade.

Tradicionalmente, os estudos históricos e comparativistas estão ligados à Filologia. Nesta disciplina ou ramo do saber, toda variedade lingüística pode ser estudada em sua história externa e interna. Sob o prisma da história externa, investigam-se a origem da língua ou dialeto, o território ocupado e possíveis expansões, as influências de substrato, superstrato e adstrato, os fatos políticos, históricos, econômicos e culturais, entre outros que, de alguma forma, influíram em sua evolução. A história interna da língua estuda as modificações sofridas nos vários níveis lingüísticos – fonético, morfológico, sintático, léxico e até mesmo estilístico. Nessa perspectiva, a Lingüística é um dos domínios da Filologia. Neste número, mostramos alguns trabalhos que vêm sendo desenvolvidos dentro dessa ampla possibilidade e variedade de aspectos na pesquisa histórica e comparativista. Apenas um dentre todos - “Domínio e gerenciamento da propriedade familiar no mundo antigo: as contribuições de Catão Censor e Xenofonte” - não se dedica ao estudo histórico e comparativo em língua, mas à comparação no aspecto cultural.

Sabemos que, desde a introdução do estudo da lingüística moderna no currículo dos cursos de Letras das universidades brasileiras, os estudos diacrônicos foram relegados a um segundo plano, ou mesmo ignorados, como conseqüência da ideologia ahistórica do início do estruturalismo.

A progressiva falta de interesse nos estudos históricos no Brasil no início refletia uma realidade mundial, derivada principalmente pelo sucesso da descrição das línguas de acordo com o modelo estruturalista, que é capaz de descrever um sistema lingüístico sem necessidade do conhecimento de seu passado, de sua história. Posteriormente, porém, a eliminação do latim, do francês e do castelhano dos currículos de primeiro e segundo graus limitaram o trabalho dos professores universitários de filologia clássica, filologia românica, lingüística românica e lingüística histórica dentro das universidades. Esta falta de valorização dos estudos históricos e comparativistas, advém das deficiências educacionais do país, o que se reflete nos cursos de Letras, já que para esses estudos requerem-se conhecimentos pertencentes a vários ramos do saber, inclusive de história e geografia antigas: há cada vez menos profissionais com formação para trabalhar nessa área.

Apresentamos a seguir, por ordem alfabética, os artigos dos docentes e pesquisadores. O primeiro artigo, de Álvaro Bragança, faz observações culturais, lingüísticas e estilísticas sobre um capítulo do *Etymologiarum Libri*, de Santo Isidoro de Sevilha, autor da Idade Média Latina. Bruno Fregni Bassetto mostra a importância do romeno como língua latina essencialmente derivada do latim vulgar e, como tal, uma das principais fontes para seu estudo e reconstrução; Everton Altmayer Leopoldino, em “Características do dialeto trentino”, apresenta-nos a origem e as características do dialeto italiano falado no Tirol italiano, o trentino. José Pereira da Silva, em “Português do século XVI e XVII”, procura mostrar as características do português desses dois séculos, que, por um lado pode ser visto como arcaico e, por outro, como moderno. João Bortolanza, no artigo “Latim nos sermões de Vieira”, nos mostra o estilo e estrutura ciceroniana presentes nos sermões de Vieira; o artigo de Márcia Bortone & Maria Lucia Mexias-Simon “Do sintético para o analítico: uma tendência em três línguas neolatinas” compara o uso do futuro perifrástico em português, castelhano e francês. Maria Cristina Martins, em “Os complementos de lugar em latim clássico e latim vulgar: Uma comparação”, apresenta uma síntese comparativa das construções de lugar que respondem às tradicionais questões *ubi, unde, quo, qua* em latim clássico e em latim vulgar, apontando, sobretudo, as diferenças deste em relação àquele. Além disso, a mesma professora, que também é a coordenadora deste número da revista, faz a resenha do livro “Elementos de Filologia Românica”, de Bruno Bassetto. Meris Antônio Mascarello, em “Latim: Cultura e língua em oficinas”, relata sua experiência no ensino de latim com uma metodologia de oficinas e pesquisas. O texto de Mário Silfredo Klassmann “A vida e a obra do professor Heinrich Adam Wilhelm Bunse” relata de forma emocionante a vida e a obra desse professor, filólogo, pesquisador incansável, que o Rio Grande do Sul teve o privilégio de acolher. O artigo de Matheus Trevisan “Domínio e gerenciamento da propriedade familiar no mundo antigo: as contribuições de Catão Censor e Xenofonte” liga-se à Filologia Clássica, à Cultura Clássica, permitindo-nos, entre outras coisas, um panorama da vida doméstica, da propriedade e da economia na Antigüidade. Nestor Dockhorn, no artigo “Reflexões sobre diacronia”, resume as considerações feitas por Saussure sobre sincronia, diacronia, sistema, variação lingüística etc, e fornece-nos ainda uma parte prática de comparação sobre alguns aspectos lingüísticos do português e do francês, em suas fases medieval e moderna. Nilsa Areán-García, em “A importância da língua grega”, discorre sobre a história da língua grega e sua influência em outras línguas e povos, que é muitas vezes esquecida. Finalmente, na seção livre, temos o artigo de Tanira Castro “A Interferência fonética durante a formação das habilidades auditiva e de pronúncia no aprendizado de língua estrangeira”.

Acreditamos que a publicação deste número da revista Organon contribui

para um redespertar aos estudos diacrônicos e comparativistas, e para a revalorização dos mesmos na atualidade. Ficaremos contentes se esses artigos forem tomados como um incentivo para os estudos de Filologia Românica, Filologia Clássica, Lingüística Românica e Lingüística Histórica.

Maria Cristina Martins
Organizadora